

# CARTA AOS AMIGOS DO MUNDO

Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo



Movimento internacional ATD Quarto Mundo  
107, avenue du Général Leclerc - 95480 Pierrelaye - France

OUTUBRO DE 2009 – N° 72

## Editorial

## Viver, é ajudar os outros a viver

«Estes desejos das crianças... são um direito, não são um sonho.» É com estas palavras que o redator de um de artigos publicado num jornal que dava a palavra a crianças de todos os meios sociais conclui o seu texto. "Um direito e não um sonho". Não se trata duma coisa que se publique num decreto, é algo que se constrói a partir de laços de proximidade, de laços de amizade, de laços de compreensão, de confiança e de compaixão, e também de laços tecidos pela ação. É isto que exprimem os artigos desta "Carta", de diversas maneiras e em contextos variados.

«Quando chove de noite, fico com o coração apertado e não durmo bem porque penso nas famílias dos bairros muito pobres.»

«Elas aprenderam a defender os seus próprios direitos; e elas comprometeram-se a defender os direitos de outras mulheres.»

«O povo está acordando. Nossa luta não será em vão.»

«A Brigitte (uma menina de 4 anos que sofre de paralisia cerebral) dá-me um belo exemplo de constância através da sua luta pela vida.»

«É uma comunidade que, apesar das situações problemáticas de muitos dos seus habitantes, consegue manter condições de convívio intercultural e mobilizar-se na construção do seu próprio futuro.»

Todas as reações que recebemos e que dizem respeito à Convenção Internacional dos Direitos da Criança (página 4) estão dentro do mesmo espírito. Embora falem de realidades graves, dolorosas e inaceitáveis, elas revelam a grandeza dos homens e das mulheres que vivem essas realidades, que as recusam, e que levam outras pessoas a recusá-las com eles. «Sem a solidariedade, nada é possível neste mundo; viver é ajudar os outros a viver.» E é com esta afirmação que numerosos jovens arrastam muitos outros para agirem todos em favor das crianças vivendo em condições difíceis.

Viver, é ajudar os outros a viver, é ter em si uma ambição que engloba toda a gente.

HUGUETTE REDEGEL

### • «Deu para sentir que o povo está acordando»

«Estive na Ocupação Dandara hoje, dia 30/08. Voltei animado. Houve assembleia (...) enquanto Joviano atendia uma enorme fila de novas famílias que estão desesperadas necessitando de casa. Depois, peregrinei por quase todo o acampamento, parabenizando quem está construindo e animando o povo a construir. Já tem mais de 30 casinhas sendo construídas. O medo está sendo exorcizado. Os tijolos estão entrando no bagageiro de bicicleta, no bagageiro de automóveis, em Kombi, em carrinho de mão, em carrinho de carregar criança, na bacia, em tambor d'água, etc.

Às 13:30h, almocei em uma casa já construída, já com água na torneira dentro de casa e luz elétrica. Era a casa de D. Maria (uma idosa muito esperta), Sr. Joaquim, Eduardo e Luísa, que com 15 anos, está no 4º mês de gravidez. Almoço



gostoso. Deu para sentir que o povo está acordando. Nossa luta não será em vão. Toda luta vale a pena quando a alma não é pequena. Penso que deveríamos começar a construção de um Centro Comunitário também.»

FREI GILVANDER M., BRÉSIL

## • «Descobriram um novo sentido para as suas vidas»

A cidade de Ilo, situada no sul do Peru, tem mais de setenta mil habitantes, cuja maioria é emigrante das zonas do altiplano. A situação económica do Peru e de Ilo é muito difícil; há muito menos possibilidades de arranjar trabalho, e para as mulheres, para os jovens e para os que não têm formação é ainda mais difícil.

Em Ilo, nós somos cerca de quatro mil empregadas domésticas, a maioria são imigrantes e não sabem nenhuma profissão. O facto de ir trabalhar numa casa faz com que possamos sobreviver e mais nada, porque o salário é baixo, pagam-nos em média entre 50 e 70 euros por mais de 320 horas de trabalho por mês. E o que piora ainda a nossa situação é que não temos nenhum dia de descanso fixo por semana, não temos nenhuns benefícios sociais e nas casas onde trabalhamos somos maltratadas, exploradas, marginalizadas e violadas sexualmente pelos patrões e pelos filhos deles. Desde 2004 há uma lei que nos dá certas garantias, mas ninguém a respeita e os nossos direitos são violados.

• «O CEPRODETH é um espaço de encontros, de amizade, de partilha com outras colegas, um espaço para nos educarmos sobre os nossos direitos, onde aprendemos a ser gente e a sermos seres sociais.» Elizabeth, 27 anos



• «Cada domingo, podemos encontrar-nos todas, aprendemos a tricotar, a coser, a bordar e outras coisas manuais, aprendemos a fazer bombons de chocolate, e uma porção de coisas mais. Sentimo-nos úteis.» Maria, 21 anos

• «Quando sabemos de uma amiga que é explorada e maltratada, juntamo-nos para a trazer para a CEPRODETH, para ela saber que direitos tem e para que ela saiba que nós a vamos ajudar e apoiar para que os patrões não abusem dela.» Jesusa, 24 anos

• «Já vivi como uma escrava, obrigavam-me a fazer tudo lá em casa, não tinha nenhum dia de descanso, não podia sair de casa, vivi assim fechada durante mais de 6 anos porque a senhora me tinha trazido da serra quando eu tinha 12 anos. Diziam-me que tinha de aprender a não ser preguiçosa, abusaram de mim e nunca me pagaram nada.» Alicia, 21 anos

Elizabeth, Jesusa, Maria e Alicia são companheiras no CEPRODETH. Descobriram um novo sentido para as suas vidas, aprenderam o que é a amizade, a confiança, aprenderam a receber carinhos de irmã, a defender os seus direitos, tornaram-se responsáveis para serem verdadeiras cidadãs e comprometeram-se a defender os direitos de outras mulheres que são empregadas domésticas como elas.

ANA H, CEPRODETH,  
PERU

## Correio dos Leitores – Correio dos Leitores – Correio dos Leitores

• É importante ler regularmente as vossas "cartas" pois fico a saber o que os outros fazem à sua volta para melhorar a vida das pessoas com muitas dificuldades. Acho que o meu espírito humanitário se tem vindo a desenvolver dia após dia. Aqui, em Abidjão, estamos em plena estação das chuvas. Quando chove de noite, fico com o coração apertado e não durmo bem porque penso nas famílias dos bairros muito pobres de Mossikro e de Abobo. Penso nos pais que não tiveram coragem para sair das suas casas porque já não sabem para onde ir. Penso nas famílias que, tristes e impotentes, vêm as suas casas inundadas pelas águas das chuvas. Penso nas crianças e nos adultos que são enterrados vivos pelos desabamentos de terrenos ou que são arrastados pelas águas da chuva.

Gostaria de mandar uma mensagem para todo o mundo: para as autoridades da Costa do Marfim, para as organizações humanitárias locais e internacionais, e para todas as pessoas de boa vontade, para que todos aqueles que atravessam tantas dificuldades e que estão provisoriamente alojados em escolas possam obter um alojamento para poderem viver em segurança e realizar os seus projetos.

O. Siaka, Costa do Marfim

• «O trabalho da Casa Seis, passa essencialmente pela promoção da participação de todos quantos pertencem à comunidade. Aberta à sociedade que a rodeia, esta associação procura envolver as pessoas na resolução dos seus problemas. A proximidade é já uma influência positiva. Havendo um contacto pessoal frequente e uma presença permanente, há uma maior facilidade de ganhar a confiança das pessoas e criar uma co-responsabilização efectiva, sobretudo no que toca aos mais novos, crianças e jovens. Mas também os adultos são chamados e incentivados a tomar parte neste espaço de desenvolvimento humano e colectivo. Porém, trabalhar para um universo de cerca de 600 famílias ou acompanhar de perto 64 crianças e pontualmente com o dobro, são tarefas que exigem disponibilidade de meios, que nem sempre estão disponíveis. A Casa Seis, apesar de todas as dificuldades, é um sinal de persistência e de esperança. É uma comunidade que, apesar das situações problemáticas de muitos dos seus habitantes, consegue manter condições de convívio intercultural e mobilizar-se na construção do seu próprio futuro. Um exemplo a tomar em consideração.»

Rui A., Portugal

Poderá também enviar-nos os seus comentários e as suas experiências para o site : [www.atd-quartmonde.org/-Portugal](http://www.atd-quartmonde.org/-Portugal) ou mandar-nos um mail para [forum.permanent@atd-quartmonde.org](mailto:forum.permanent@atd-quartmonde.org)

## • « À escuta dos sonhos »

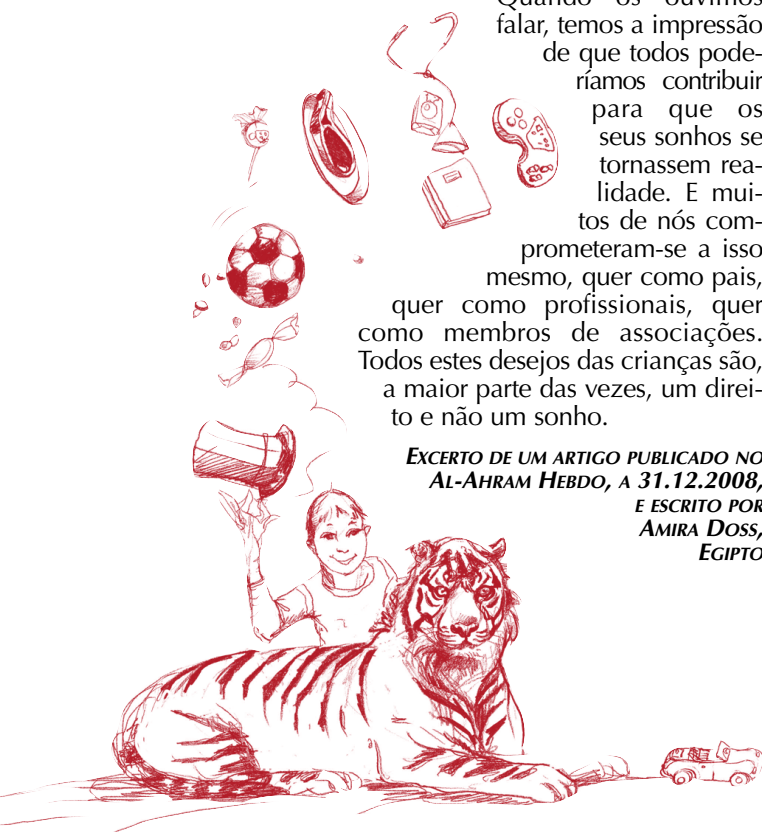
*Uma leitora, impressionada por dois pequenos corpos de crianças adormecidas, debaixo dum cobertor, ao pé do prédio onde ela vive, mandou-nos este artigo:*

São egípcios e têm entre 6 e 12 anos. Vêm dos mais diversos horizontes, desde uma casa num bairro residencial ou popular, e até mesmo da rua, onde dormem e trabalham. Todos eles têm sonhos. Vamos ouvi-los:

- «Contaram-me que o meu avô era domador de tigres. Quando eu for grande gostava de ter a mesma profissão. O mundo do circo é uma coisa que me fascina. Também gostava de ter um teto onde os meus irmãos e eu pudéssemos dormir em paz, sem ter medo do dia de amanhã.»
- «O meu sonho é ser diplomata para dar a volta ao mundo, descobrir outras culturas e aprender línguas estrangeiras.»
- «O meu sonho era ser médico.»
- «O meu sonho era ficar fechado uma noite inteira num hipermercado cheio de brinquedos. Para jogar a todos os jogos e comer todos os doces que lá estão.»
- «O meu sonho era ser futebolista e marcar golos tão geniais como os do Abou-Treika.»
- «Quando eu for grande, o meu sonho era ser talhante ou açougueiro para poder comer carne todos os dias.»
- «O meu sonho era ter professores que sorrissem na aula, que falassem sem ser aos gritos, para eu poder gozar plenamente o meu dia na escola e para não voltar para casa esmagado por uma porção de trabalhos e de revisões. Sonho com uma vida sem a frase "é preciso", uma vida em que eu estivesse livre de todos estes pesos. Gostava que me ouvissem com atenção antes de me falarem ou de me tocarem, e isso com cuidado. É assim que eu poderia mesmo crescer.»

Quando os ouvimos falar, temos a impressão de que todos poderíamos contribuir para que os seus sonhos se tornassem realidade. E muitos de nós comprometeram-se a isso mesmo, quer como pais, quer como profissionais, quer como membros de associações. Todos estes desejos das crianças são, a maior parte das vezes, um direito e não um sonho.

**EXCERTO DE UM ARTIGO PUBLICADO NO  
AL-AHRAM HEBDO, A 31.12.2008,  
E ESCRITO POR  
AMIRA DOSS,  
EGIPTO**



## • «É uma partilha que nos torna mais humanos»

«NUESTRO HOGAR» ("O nosso lar") foi criado e é animado pela Fundação AMI. Trata-se de um lar destinado a acolher crianças feridas pela vida de 0 a 5 anos. Certas crianças foram acolhidas por outras estruturas e depois confiadas ao NUESTRO HOGAR por causa das deficiências, atrasos ou problemas constatados, ou então foram-lhe diretamente entregues pelas autoridades (hospitais, polícia, juizes, etc.). As condições de acolhimento de cada criança são diferentes conforme os casos. Elas chegam ao lar com experiências de vida terríveis: abandonadas pelos pais naturais ou pela família, maltratadas fisicamente e emocionalmente, abusadas, martirizadas, gravemente doentes. A AMI é responsável não só pelas crianças que chegam ao lar mas também pelo acompanhamento das que regressam às suas famílias. **A reinserção familiar das crianças acolhidas no lar é uma preocupação constante da Fundação.**

\*\*\*\*

Chamo-me Liliana e sou puericultora na Fundação AMI. Trato das crianças e acompanho todas as suas atividades. É um trabalho que muito me satisfaz pois, dia após dia, graças a ele, fico a conhecer melhor as crianças, e posso ouvi-las e compreendê-las. É uma partilha que nos torna mais humanos, que nos permite unir-nos a elas para voltarmos a encontrar o caminho da alegria, da felicidade e da inocência.

Neste lar, cada criança recebe gestos de atenção, de proteção, de respeito, de gratidão, e ainda de outros sentimentos positivos, prodigalizados por todos os adultos que as rodeiam.

A Brigitte é uma menina que sofre de paralisia cerebral. Ela esforça-se todos os dias para tentar mover-se um pouco mais, efetuando gestos muito impressionantes. Sinto uma grande tristeza quando vejo a Brigitte desesperada por não poder sair e correr como os outros. Apesar disso, ela dá-me um belo exemplo de constância na sua luta pela vida.

A presença desta menina de 4 anos é uma grande oportunidade para o lar pois faz com que ele se mantenha fiel à sua missão. Com efeito, um dos seus objetivos mais importantes é o respeito pelo ritmo de cada um. A evolução da Brigitte desde a sua chegada é impressionante. Ela mostra uma capacidade de comunicação espantosa e uma grande felicidade, graças à sua integração no meio das outras crianças que lhe testemunham uma enorme afeição.

Poder encontrar seres humanos tão especiais é uma experiência muito enriquecedora pois, apesar de serem tão pequenos, eles já sabem o que é sofrer e o que representa a falta de um lar. E mesmo assim, conseguem manter uma força impressionante. Para mim, o mais importante é saber que aqui os seus primeiros valores e modos de julgar serão formados de maneira positiva. Os conhecimentos que vou adquirindo cada semana e ao fim de cada mês permitem-me ficar a saber mais profundamente qual a atenção que devemos prestar a cada criança e, ao mesmo tempo, vou-me formando eu própria para poder ser um guia para todas as crianças.

Cada criança é única, cheia de coisas valiosas e de felicidade e, sobre tudo, traz em si um grande coração cheio de amor.

LILIANA A., FUNDAÇÃO AMI, EQUADOR



# Os direitos da criança são direitos humanos, universais e inalienáveis

Aqui vão algumas respostas às perguntas que nós fizemos no último número sobre os direitos das crianças:

⇒ Há milhares de imigrantes que continuam a chegar de barco à costa meridional da Itália, e há centenas que morrem ao tentarem chegar ao meu país. Entre todos eles, há muitas crianças que vêm também, umas acompanhadas pelos pais, e outras sozinhas. A Amnesty International dá-lhes o nome de "invisíveis". Muitas delas escapam aos controles de identidade e são depois apanhadas nas redes do crime e da prostituição. Há no mundo milhões de crianças e de jovens que, por causa das guerras e da pobreza, são obrigados a deixar os seus lares para irem pedir asilo noutro país. Temos ainda que percorrer um longo caminho até que todos se convençam de que os direitos da criança são direitos humanos, e que portanto são universais e inalienáveis.

*Sérgio P., Itália*

⇒ A RDC, que é o nosso país, está a instalar os mecanismos necessários para reunir, analisar e publicar regularmente e atempadamente os dados permitindo o acompanhamento dos indicadores sociais relativos ao bem-estar das crianças, tais como a percentagem de mortalidade dos recém-nascidos e das crianças, a percentagem da mortalidade materna e da fecundidade, os níveis de nutrição, a cobertura a nível de vacinas, os níveis de morbilidade relativos às doenças importantes para a saúde pública, assim como as percentagens de escolarização, de sucesso escolar e de alfabetização. Cada ano, o Congo é convidado a rever, levando em conta a sua situação particular, o seu orçamento geral e, quanto aos países doadores, o orçamento de ajuda ao desenvolvimento, de tal maneira que os programas destinados a realizar os objetivos de sobrevivência, de proteção e de desenvolvimento das crianças sejam considerados prioritários no momento da atribuição dos recursos. As crianças precisam de uma proteção e de uma atenção especiais dada a sua vulnerabilidade.

*A. B. A., República Democrática do Congo*

⇒ O meu marido, que trabalha há 10 anos com as crianças da rua, primeiro no Ruanda e depois no Congo, ficou muito contente quando leu a "Carta" de Maio de 2009 sobre a Convenção Internacional relativa aos Direitos da Criança. Lemos e comentámos com a equipe da AFIA-FEV, a nossa associação, aquele pequeno artigo: «Tanto para os adultos como para as crianças, nunca é impossível nem nunca é tarde demais para aprender». Achámos todos que muitos países africanos, e sobre tudo o nosso, fariam bem em inspirar-se nas experiências do Quênia e da Bolívia, com o CEMA, sobre a gratuidade da escola, e também na coragem do Senhor Kimani Nganga Maruge.

*Beatrice K-B em nome da AFIA-FEV, República Democrática do Congo*

⇒ A paz no mundo começa com as crianças de hoje (...) Em certas localidades do Gana, o tráfico e o trabalho das crianças têm vindo a aumentar. Há até crianças que são apanhadas pela prostituição. Antes da chegada de fundos para ajudar as vítimas das inundações no Gana em 2007, eu já tinha falado a várias "kayayie". A palavra "kayayie" designa as meninas, quase sempre ainda crianças, que emigram do norte do país para Kumasi, na região Ashanti, em busca de pastagens mais verdejantes, mas que paralelamente transportam à cabeça uma porção de mercadorias para ganharem algum dinheiro. Sem domicílio fixo, elas dormem em edifícios inacabados. Nessa ocasião, eu tinha-lhes falado na prostituição infantil, nas doenças transmitidas através do sexo e do SIDA. Em 2006, eu já tinha estado com homens jornalistas da rádio FOX FM, que se tinham precipitado para um local onde a maioria das kayayie dormia, para obterem uma gravação de uma das crianças que estava a ter relações sexuais com um adulto para ganhar algum dinheiro. E eu fiquei então muito triste. E se ela tivesse apanhado o SIDA, como teria sido? Mas vou continuar a trabalhar ao serviço da juventude e de toda a comunidade, esteja eu onde estiver.

*A. Justus Triumph, University for Development Studies (UDS), Gana*

⇒ Nunca deveríamos nascer em lugares que ficam longe de tudo. Por mais que se fale do direito a uma educação gratuita, aos cuidados de saúde e a uma proteção especial, todas essas prioridades continuam a ser uma ilusão, pelo menos até hoje. Está provado estatisticamente que o abandono escolar e a mortalidade infantil têm continuado a aumentar pois as crianças não conseguem lutar contra a fome. A educação é inacessível para quem vive na extrema pobreza. Há crianças (...) que ficam marcadas moralmente a vida inteira pelo fato de terem nascido num meio pobre.

*Stephen Serge T., Madagascar*

⇒ Nós, os jovens da "Associação Salvemos os Órfãos para um Desenvolvimento Integral e Melhor" (ASODIM), trabalhamos para a organização de uma atividade atípica de apoio à infância desfavorecida. Esta atividade denominada "Operação: um Pensamento para Eles" consistia em nos apresentarmos nos serviços administrativos locais e em nos dirigirmos à população com uma ficha de recolha de donativos, de pensamentos sobre as crianças pobres e de fundos para auxiliarmos as crianças que vivem em condições extremamente difíceis. Esta operação foi o nosso modo de defendermos a promoção dos Direitos da Criança (...), baseada numa filosofia que se pode resumir com a frase: "o desenvolvimento através da Educação e da Solidariedade" - para afirmarmos que sem a solidariedade nada é possível neste mundo. Durante a operação, quando alguém fingia que não ouvia o apelo, os que faziam a coleta de donativos e de pensamentos, atiravam-lhe calmamente com a frase: "Viver, é ajudar os outros a viver". Por outras palavras, cada pessoa tem uma parte de responsabilidade no que diz respeito à melhoria das condições de vida das crianças em dificuldade. No fim, a Associação conseguiu coletar material escolar, roupas, mantimentos, dinheiro, e muitos pensamentos sobre os órfãos e outras crianças vulneráveis.

*Rodrigue G., Association ASODIM, Burkina Faso*

O «Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo» é uma rede de pessoas empenhadas no desenvolvimento de uma amizade e de um conhecimento mútuos, a partir do que vivem e nos ensinam as populações pobres e muito pobres: aquelas que acumulam várias precariedades ao nível da educação, do alojamento, do trabalho, da saúde e da cultura; aquelas que são as mais rejeitadas e as mais criticadas. O Fórum é um convite à adesão de todos os que aspiram a uma forte participação numa corrente de pensamento e de acção que tem como prioridade a recusa da miséria no mundo, declarando-a intolerável e provocando a construção de comunidades onde os mais pobres, munidos dos direitos fundamentais, possam assumir as suas responsabilidades em pé de igualdade e em parceria com os outros. Esta corrente exprime-se através da *Carta aos Amigos do Mundo* que publica as mensagens dos nossos correspondentes três vezes por ano em francês, inglês, espanhol e português, graças ao trabalho de tradutores profissionais que oferecem os seus serviços gratuitamente. O Fórum Permanente é fomentado pelo Movimento ATD Quarto Mundo, OING (organização internacional não-governamental) com sede em Pierrelaye, França e permite a todos os que nele participam guardarem a sua identidade, não passando, por isso, a ser considerados membros de ATD Quarto Mundo.

O nosso endereço E-mail: [forum.permanent@atd-quartmonde.org](mailto:forum.permanent@atd-quartmonde.org) Internet: [www.atd-quartmonde.org](http://www.atd-quartmonde.org) Assinatura anual: \$8 / €8 Assinatura de apoio: \$10 / €10. © Movimento internacional ATD Quarto Mundo – tipografia ATD – Méry-sur-Oise – N°72 - Outubro de 2009.

**OS DESENHOS SÃO DE HÉLÈNE PERDEREAU QUE, HÁ MUITO, OS OFERECE GRATUITAMENTE AO MOVIMENTO ATD QUARTO MUNDO.**

PAGINAÇÃO :  
**L. ROUFFET**